

ORGANIZADORES GRÁFICOS: UMA PROPOSTA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA SURDOS COM O GÊNERO FORMULÁRIO

Simonik Martins Oliveira ¹
Ayane Nazarela Santos de Almeida ²

RESUMO

Este artigo busca apresentar uma proposta de ensino do gênero formulário com o uso dos organizadores gráficos para o ensino de língua portuguesa como segunda língua (L2) para surdos, sendo imprescindível pensar em metodologias de ensino condizentes com a cultura e identidade surda, trazendo como aspecto primordial a visualidade, que amparadas por Campello (2008), Santiago (2020) e Fernandes (2016) é manifestada como um aspecto inato dos surdos, o qual deve ser explorado no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, os organizadores gráficos, consistem no processo de tornar um texto visível fornecendo uma estrutura que possa organizar os pensamentos e construir um alicerce para o aprendizado (TARQUIN e WALKER 1997; BROMLEY, VITIS e MODOLO 1995). O gênero formulário apresentado aqui, foi escolhido com base no caderno de nível superior divulgado pelo MEC no ano de 2021, a partir da Proposta Curricular para o Ensino do Português Escrito como Segunda Língua para Estudantes Surdos da Educação Básica e do Ensino Superior, também amparado por Nieto (2006), que evidencia que os formulários surgem como uma espécie de diálogo em que ocorre a interação entre os interlocutores em que acontece a alternância entre os períodos de perguntas e respostas. A proposta busca apresentar o gênero formulário através do organizador gráfico organograma, além de expor um organizador gráfico sequencial, como uma espécie de tutorial para que os surdos possam produzir seu próprio formulário via *google forms*. Nesse sentido, foi possível perceber que um ensino voltado para as potencialidades dos alunos surdos, podem ser interessantes em seu processo de ensino-aprendizagem, pois, facilitam uma relação contrastiva entre a Libras e a língua portuguesa.

Palavras-chave: Formulário, Português como L2, Organizadores Gráficos.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras, Libras e Língua Estrangeira da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, simonikmartins@gmail.com;

² Professora orientadora: Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas, Professora na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, ayane@ufrb.edu.br.

INTRODUÇÃO

A educação de surdos no Brasil, ao longo dos anos, se encontra cada vez mais desafiadora. Isso advém das várias dificuldades enfrentadas cotidianamente pela população surda, de natureza social, linguística, histórica, ideológica, e cultural. Sob essa ótica, estamos submersos em uma sociedade marcada pela patologização da surdez e por políticas públicas insuficientes que acarretam consequências profundas na educação dos surdos, tais como a aquisição tardia da Libras, as barreiras para a constituição de sua identidade e a falta de conhecimento da língua de sinais por parte dos pais, professores e demais pessoas da sociedade (STEFFEN, 2022; SILVA, 2010).

Essa falta de políticas públicas resulta em uma educação precária para os alunos surdos, que não possuem professores qualificados no ensino regular, nem acesso a materiais didáticos que atendam suas especificidades para a aquisição de primeira língua, e também para a aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua. Nesse cenário, é imprescindível que estratégias metodológicas sejam criadas para a ruptura dessas problemáticas frente à competência linguística dos surdos (FERNANDES, 2011; 2013) e que possam ser eficazes para o seu desenvolvimento. A seleção e aplicação dessas estratégias, além de respeitar as especificidades desse povo minoritário³, potencializa habilidades que esses já carregam consigo.

A oficialização da lei⁴ que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão dos surdos no país, refletiu na história e na consolidação da cultura e identidade surda em todo território nacional. Os enunciados desta lei apontam a necessidade de acesso e inclusão dos surdos nos espaços escolares, reverberando reflexões sobre como se daria, a partir desse fato, a educação da população surda (LIMA et al., 2016). Portanto, além das lutas sociais travadas pela comunidade surda, as lutas educacionais têm sido cada vez mais reafirmadas por esta comunidade.

A educação linguística do surdo não se refere exclusivamente ao processo de aquisição de sua língua materna, a Libras, mas também ao processo de ensino-aprendizagem da sua segunda língua. Assim, com uma língua de sinais consolidada, o surdo é capaz de conhecer os aspectos linguísticos necessários para estabelecer uma

³ Segundo Duarte et al (2013) a língua utilizada pela população ouvinte é a língua majoritária do país, e sua modalidade é oral; no território brasileiro é a língua portuguesa, porém, os surdos experimentam uma realidade distinta. Eles se comunicam pela língua de sinais e, por isso, são caracterizados como um grupo linguisticamente minoritário.

⁴ Lei sancionada dia 24 Abril de 2002 n 10.436 que oficializa a Libras como língua no Brasil.

análise contrastiva entre a Libras e a língua portuguesa, (GUARINELLO, 2007; RICHARD, 2006; KARNOPP, 2015) o que contribui diretamente na aprendizagem de uma segunda língua. Nesse cenário, é indispensável a adoção de recursos visuais para que o ensino possa ser estruturado de forma lógica e assertiva.

A partir da possibilidade de realizar monitoria com os alunos surdos do Centro de Formação de Professores (CFP/UFRB), através do Núcleo de Políticas de Inclusão (NUPI), nasce a motivação de investigar as estratégias visuais para o ensino de língua portuguesa como L2, pois, com essa experiência notou-se a urgente necessidade de buscar novas perspectivas para a compreensão de conteúdos acadêmicos por meio de textos teóricos, o que muitas vezes, já se apresenta como um obstáculo para discentes ouvintes e para os discentes surdos é manifestada de uma forma ainda mais acentuada.

Dessa forma, essa pesquisa busca contribuir no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua para surdos, propondo a utilização de organizadores gráficos como estratégia visual que favorece a aprendizagem ativa, uma vez que é imprescindível pensar em metodologias de ensino condizentes com a cultura e identidade surda. Selecionamos, portanto, o gênero discursivo formulário de inscrição pela sua ampla utilização no meio acadêmico.

2 A VISUALIDADE COMO FERRAMENTA DE ENSINO PARA SURDOS

Em um mundo sonoramente silencioso e socialmente repressivo pelo poder que advém da cultura dominante ouvintista, os signos visuais se apresentam na vida do sujeito surdo como o bálsamo de esperança para a concretização de seu poder linguístico e identitário. Além disso, a visualidade é responsável pela organização dos artefatos culturais da comunidade surda, pois é utilizada para substituir a ausência do som. As línguas orais, por serem constituídas por aspectos intrinsecamente sonoros, tornam-se impenetráveis para os surdos, visto que nesse território não é possível que sintam e compreendam o mundo de forma plena.

Com esse fato, a visualidade permeia toda a vida do surdo e essa substituição dos aspectos sonoros pelos imagéticos é uma característica nata dessa comunidade, pois, a construção de sua socialização, desde os primeiros anos até o final da vida, dependem da visualidade para a assimilação e compreensão do mundo sem som.

Muitas vezes, principalmente dentro do contexto escolar, o fracasso no desenvolvimento dos surdos se dá pela ausência de adequação das metodologias de ensino que explorem a percepção visual.

Essa “incapacidade” é produto cultural relacionada ao desenvolvimento da percepção. Essas nuances culturais próprias de uma comunidade como a dos sujeitos Surdos podem constituírem-se em entraves ao processo de ensinar e aprender, provocando interpretações equivocadas quanto ao que se chama de dificuldade de aprendizagem. A responsabilidade da não apropriação do conhecimento nos diferentes níveis de escolaridade muitas vezes é atribuída ao aluno e não ao desrespeito das propostas pedagógicas que negam a importância da visualidade (CAMPELLO, 2008, p. 131)

Nesse sentido, a relevância da visualidade é anunciada no processo de ensinar e aprender e muitas vezes é negligenciada pela falta de conhecimento da sociedade e nesse contexto específico, dos educadores, sobre a surdez, resumindo-a à patologização. Além disso, a ausência de apoio governamental na geração de políticas públicas que proporcionem efeitos favoráveis, como a efetivação do ensino de Libras nas escolas, fato que levaria a um maior entendimento dos aspectos singulares dessa comunidade, impede que essa realidade se finde.

Segundo Santiago (2020) o trabalho com recursos imagéticos facilita a produção e compreensão de sentidos que podem ser enfatizados de forma ampla no contexto surdo, pois os resultados almejados podem ser adquiridos de forma mais fácil, visto que os alunos podem colocar à disposição seus conhecimentos prévios sobre o mundo. Dessa forma, o ensino do gênero formulário de inscrição a partir de uma metodologia ativa, os organizadores gráficos, podem contribuir significativamente para a compreensão deste gênero acadêmico pelos alunos surdos, pois essa metodologia é capaz de aguçar as potencialidades das “pessoas visuais”.

A imagem é, portanto, o recurso que deve ser usado com a palavra, para trazer significação e sentido de acordo com o objetivo da proposta, pois a representação do texto verbal de forma isolada é insensível e indiferente para o aprendiz surdo, ao contrário dos que são apresentados com a imagem (CAMPELLO, 2008). Nessa perspectiva, podemos perceber que a visualidade é um fator determinante na aprendizagem de surdos, o uso apenas da palavra não garante a imersão dos surdos no processo de aprendizagem no meio escolar, tão pouco garante sua imersão no conteúdo seja ele de qualquer natureza.

Segundo Fernandes (2016), é quase impossível para alguns educadores admitirem que o som pode ser dispensado no processo de letramento, uma vez que a ausência desse elemento não impede o desenvolvimento da criança surda, no que se refere às diretrizes do domínio da língua, visto que os mecanismos mentais que levam a estruturação do domínio da língua, encontra outras bases para desenvolver-se que não as voltadas para a exposição sonora. Nesse sentido, é errôneo declarar que dominar uma língua depende do processo de oralização, uma vez que surdos profundos são igualmente capazes de desenvolver o português escrito como surdos com um grau menor de perda auditiva.

A autonomia, fator que durante boa parte da vida da maioria dos surdos é desconhecido, ganha espaço no processo de aquisição de uma segunda língua quando utilizadas metodologias facilitadoras para o desenvolvimento da mesma. O letramento visual⁵ é uma alternativa que possibilita o empoderamento do sujeito, visto que a partir dele é possível analisar criticamente a mensagem que um recurso imagético quer transmitir (SORDI, 2022).

Nesse cenário, Sacks ressalta a importância para a memória dos surdos com o estímulo da visualidade:

Há uma literatura considerável e um tanto controversa sobre o caráter da função cognitiva nos surdos. Há alguma evidência de que sua intensa visualidade os predispõe para formas de memória e pensamentos especificamente “visuais” (ou lógico-espaciais); que os surdos, diante de problemas complexos com muitos estágios, tende a arrumá-los e a suas hipóteses em espaço lógico, enquanto o auditivo arruma-o em ordem temporal (auditiva) (SACKS, 1990, p.124)

Nesse sentido, a memória e o pensamento dos surdos então direcionados a realizar a coleta de informações puramente visuais, isso reforça a ideia de que essa estratégia atende diretamente o espaço lógico natural ao indivíduo surdo, além de contribuir para a preservação das informações. Na próxima seção, abordaremos ferramentas visuais que possibilitem a aprendizagem dos surdos.

⁵ Segundo Willeman (1993) o letramento visual é definido como a habilidade de ler, interpretar e entender uma informação apresentada em imagens gráficas e pictóricas. Além disso, Pinheiro (2016) ainda reforça que ler imagens é também perceber as intencionalidades que estão presentes no texto, além de compreender a relação que os elementos imagéticos podem assumir quando associados a elementos textuais.

3 ORGANIZADORES GRÁFICOS COMO FERRAMENTAS VISUAIS DE APRENDIZAGEM

Lane, Hoffmeister e Bahan (1996); Proksch e Balevier (2002) descrevem a população surda como “pessoas visuais” e essa visualidade aguçada está presente na maioria desses indivíduos desde o nascimento. Com isso, Medeiros (2018); Cardoso e Barros (2018) e Melo e Almeida (2020) orientam a importância de ambientes de aprendizagem visualmente enriquecidos, para que o processo de ensino dos surdos seja amparado por ferramentas que de fato possibilitem um incentivo à busca de sua autonomia.

Luckner, Bowen e Carter (2001) alertam para o fato de que a língua de sinais se move e auxilia o surdo, mas logo desaparece, então o ensino de segunda língua precisa ficar registrado de forma que o estudante possa resgatar as informações fornecidas. É necessário pensar em estratégias visuais para que os alunos surdos possam se concentrar nas informações importantes, ver como os conceitos estão conectados e unir seus conhecimentos prévios a novos conhecimentos. Sob essa ótica, os organizadores gráficos surgem como ferramentas que podem possibilitar a associação entre conhecimentos já consolidados e novos, além de auxiliar com a percepção visual, contribuindo com o processo de aprendizagem de um novo conhecimento e no processo de revisão. Dessa forma, os organizadores visuais são uma ferramenta útil desde o início do processo de aprendizado até a sua revisitação.

Hodgdon (1995) discorre sobre a importância das escolhas visuais serem compostas por elementos de fácil reconhecimento dos alunos, além de explorar esses elementos em sua totalidade, usando palavras, símbolos, desenhos e objetos reais. Isso é importante, pois, incluir elementos que fazem parte da realidade dos estudantes, permite que se aproximem do conhecimento. Colaborando com a proposta do uso de imagem e texto que, conforme Campello (2008), auxilia significativamente com a construção de sentido dos surdos.

Existe uma série de recursos que podem ser propostos como estratégias visuais, mas neste trabalho, nos concentramos nos organizadores gráficos que, conforme Tarquin e Walker (1997), consistem no processo de tornar um texto visível fornecendo uma estrutura que possa organizar os pensamentos e construir um alicerce para o aprendizado.

Os organizadores gráficos são ferramentas importantes pois proporcionam aos alunos a oportunidade de participarem ativamente do seu processo de aprendizagem. Ou seja, à medida que vão compreendendo a proposta solicitada pelo professor, vão escrevendo, sinalizando e contribuindo a partir de seu conhecimento já adquirido, além de serem estratégicos para que os alunos lembrem posteriormente das informações pela forma com que estão organizados.

De acordo com Bromley, Vitis e Modlo (1995, p. 4), os “organizadores gráficos são uma representação visual do conhecimento” e facilitam a “pré-leitura, a pós-leitura, a escrita, o raciocínio e a discussão sobre as impressões a respeito de todos os assuntos”. Para sua elaboração, a linguagem é usada intencionalmente, assim, durante a sua criação, os alunos, de forma colaborativa, aprendem uns com os outros ao organizarem as informações no intuito de sistematizar, e conseqüentemente ampliam e refinam suas compreensões sobre novos conceitos e novas ideias.

Quando se trata do processo de sistematizar e organizar informações, pensamos na escrita do surdo, a qual a língua materna consolidada é de extrema importância, pois, esse desenvolvimento depende da aquisição da língua materna, base fundamental para o processo de leitura e compreensão de gêneros textuais em segunda língua escrita. Afinal, conforme Easterbrooks e Stoner (2006), embasados em pesquisas prévias (KRETSCHMER; KRETSCHMER, 1986; MOELLER; OSBERGER; ECCAR IUS, 1986; YOSHINAGA-ITANO; DOWNEY, 1996; YOSHINAGA-ITANO; SNYDER; MAYBERRY, 1996), a habilidade da escrita é resultante de uma língua já consolidada.

A escrita é apresentada como uma forma de expressar informações, ideias ou sentimentos, com isso é errôneo pensar que esse processo implica apenas escrever sentenças de forma compreensível objetivando uma exposição que faça sentido para o outro. É necessário, portanto, compreender a escrita como um processo social ativo que insere o sujeito no mundo e amplifica as suas perspectivas linguísticas, o sujeito surdo ao se inserir nesse mundo escrito, desencadeia um caminho de possibilidades de ocupação em espaços na sociedade (Hillerich, 1985 apud Easterbrooks e Stoner, 2006).

Este cenário revela que nem sempre essa base linguística é adquirida solidamente ao longo da trajetória escolar do surdo, ocorrendo um atraso na habilidade escrita que exige ainda mais esforço para sua aprendizagem. Com isso, o

processo de alfabetização se torna ainda mais difícil, considerando que é desenvolvido formalmente, diferentemente da base

linguística que é adquirida naturalmente no ambiente em que o sujeito está inserido socialmente. É nesse contexto que os organizadores gráficos buscam contribuir para o ensino de língua portuguesa como segunda língua, a fim de que os surdos possam ter ferramentas que os auxiliem no processo de desenvolvimento escrito que durante muitos anos foi concedido.

4 O GÊNERO FORMULÁRIO

A Proposta Curricular para o Ensino do Português Escrito como Segunda Língua para Estudantes Surdos da Educação Básica e do Ensino Superior divulgada pelo MEC no ano de 2021, está dividida em cadernos específicos para cada nível de escolarização, que são eles: o introdutório que orienta a educação infantil; o que orienta o ensino fundamental anos iniciais; outro para o ensino fundamental anos finais; o que orienta o ensino médio e o que fornece orientações para o ensino superior. Trata-se do primeiro documento nacional que instrui o ensino de português para surdos nos mais diversos níveis da educação e que só foi elaborado, quase duas décadas depois da oficialização da Libras enquanto língua no Brasil.

Esse documento, tem como objetivo principal a elaboração de uma proposta curricular visual para o ensino de LP, que contemple todos os níveis, etapas e modalidades de ensino, entendendo que a educação bilíngue de surdos, deve ser ensinada numa perspectiva bilíngue, porque a língua materna é essencial para o ensino de L2; visual, valorizando um aspecto primordial da cultura surda; funcional, considerando os mecanismos necessários para um ensino eficaz; contextualizada, inserindo elementos que fazem parte da realidade dos alunos surdos; autêntica, evidenciando propostas válidas para o ensino do surdo; intercultural, estabelecendo uma relação entre outras culturas; multissemiótica, envolvendo o uso de linguagens diferentes; dialógica, construindo uma relação entre os conhecimentos do aluno e do professor, proposta essa, baseada no perfil e nas especificidades dos estudantes surdos.

Conforme orientações para o ensino superior, o ensino do gênero textual formulário de inscrição está previsto para o primeiro semestre, logo na inserção do

discente surdo no curso de graduação, pois, a partir desse gênero textual, ele identificará as terminologias específicas do meio acadêmico, formas verbais indicativas de injunção, fornecendo comandos, orientações, palavras ou expressões qualificadoras, a finalidade e estrutura do formulário em questão, identificação dos operadores argumentativos, formação de palavras por derivação, formas verbais indicativas de tempo, estrutura frasal e oracional do português escrito, apropriando-se do gênero de modo a usá-lo cotidianamente. Além disso, a análise contrastiva entre o português escrito e a Libras deverá permear todo o percurso de análise e produção.

A escolha por esse gênero se deve ao fato de que muitos estudantes surdos narram as dificuldades enfrentadas ao tentarem responder ou elaborar formulários dentro e fora do meio acadêmico. Essa constatação pode ocasionar alguns problemas, visto que esse gênero é amplamente utilizado na solicitação de matrícula, confecção de diplomas, na elaboração de projetos de extensão, na inscrição de participantes em eventos, cursos, oficinas das diversas áreas e mais especificamente de Libras, para realização de estágio obrigatório, entre outras tantas finalidades dentro e fora da universidade.

Nesse sentido, o gênero formulário possibilita não apenas a aprendizagem de um gênero, mas também da inserção de outros conteúdos e principalmente, do surdo na ativa vida acadêmica. Segundo Parasuraman, Grewal e Krishnan (2006) os formulários são um conjunto de questionamentos compostos para gerar os dados necessários e atingir determinados objetivos. Em contrapartida, para Nieto (2006), os formulários surgem como uma espécie de diálogo em que ocorre a interação entre os interlocutores em que acontece a alternância entre os períodos de perguntas e respostas. Informalmente, podemos considerar esse gênero textual como uma espécie de entrevista. Além disso, os formulários se apresentam como documentos padronizados, estruturados e um meio muito eficaz de obtenção de dados.

Ao analisar as características que compõem o gênero formulário, destacamos quatro principais das apontadas por Nieto (2006), sendo elas: contactar; expressar-se; informar e dirigir. Contactar, pois o formulário possui um espaço para informar o contato de ambos os interlocutores. Expressar-se, pois no espaço denominado “observações” ou “comentários” servem para inserir dados adicionais que sejam relevantes. Informar, pois as informações registradas pelos participantes do possível evento, podem registrar suas informações principais e o organizador pode obter

informações suficiente para localizá-lo e inseri-lo dentro do evento e por fim a função de dirigir, o formulário possuem certas instruções cujo o cumprimento são imprescindíveis para que o ritual da inscrição seja realizado corretamente.

Ainda segundo a mesma autora, os formulários são divididos em campos ou sessões bem estruturadas para obtenção de dados, além de utilizados em diversas situações socialmente, para solicitar folhetos em um escritório de informações turísticas via correios; coletar feedback de clientes em pesquisas de satisfação; coletar informações de pagamento de bens ou serviços; para a declaração de renda, seja para a compra de um produto via internet, além de ser amplamente utilizado no meio acadêmico. Com a estruturação da língua encontrando outras bases para se desenvolver, é indispensável que no ensino de língua portuguesa para surdos a imagem seja usada em conjunto com o gênero textual em questão, além disso, é importante lembrar que:

Os gêneros estão tão intimamente ligados a nossas vivências que no cotidiano sequer paramos para pensar sobre eles, apenas usamos conforme as experiências que nos chegam ao longo de nossa vida. Como parte de nossa vivência, todo texto concretamente realizado, isto é, todo enunciado concreto evoca sentidos e constitui nossa experiência com o mundo. Por isso, ao enunciar, estamos construindo uma realidade significativa. Em outras palavras, enunciar é agir sobre o mundo e interagir com ele (SILVA; FRANCELINO, 2022, p. 4)

Nesse sentido, nossas práticas sociais são constituídas por gêneros discursivos, fato que evidencia a relevância de ter dentro do ensino de língua os gêneros textuais, pois, eles são realizados cotidianamente e se configura como elemento indispensável para a atuação dos surdos na sociedade. Nesse viés, trazer uma proposta de ensino de língua por meio de gêneros discursivos utilizando a visualidade como aliado, é trazer uma proposta de ensino condizente com a cultura surda, estabelecendo um elemento crucial no processo de ensino-aprendizagem, a autonomia.

Outro importante elemento desse gênero são os tipos de perguntas que estão expressos dentro dos formulários, que elas: de múltipla escolha, quando pode assinalar apenas uma resposta; de múltipla escolha, que pode ser selecionada mais de uma opção; de resposta única quando as opções são de “sim” ou “não”; em escala, quando é possível selecionar o grau de satisfação de um serviço ou produto e as abertas quando pedem respostas comentadas (NIETO, 2006).

Com base nas informações evidenciadas do gênero formulário, podemos compreender que ele possui diversas funções sociais, caracterização própria que exige uma interação entre os interlocutores por meio de perguntas, além de apresentar uma formação específica em sua elaboração. Nesse sentido, apresentaremos na próxima seção uma proposta de ensino com esse gênero, através de organizadores gráficos.

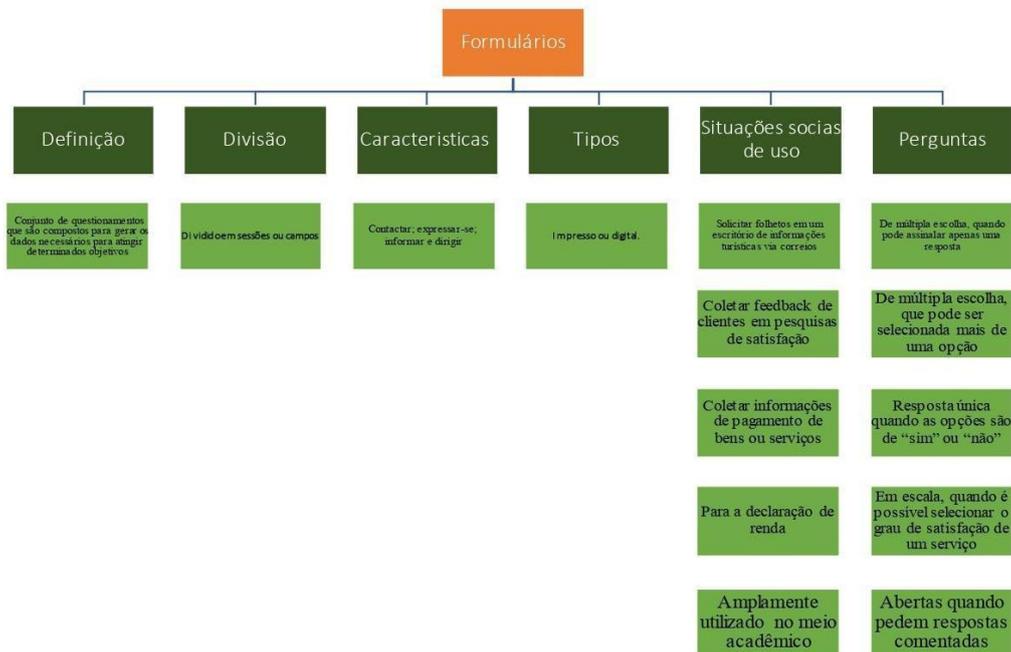
5 PROPOSTA DE ENSINO

É sabido do indispensável impacto que os recursos visuais têm para que o ensino possa ser estruturado de forma lógica e assertiva. Levando em consideração o gênero textual que é foco desta pesquisa, segundo Sales (2020) quando se trata de formulários digitais para coleta de dados dos surdos, não são apresentadas a esta comunidade versões que explorem a visualidade, para a coleta de informações dos surdos nos diversos espaços sociais. Dessa forma, se faz necessário pensar em estratégias visuais de ensino desse gênero para que não seja necessário a criação de adaptações de formulários, mas sim, desenvolver estratégias para a compreensão do gênero de modo a possibilitar a autonomia dos surdos, tão importante nos espaços sociais e principalmente, acadêmicos. Além de auxiliar para análise de dados ou contribuir em métodos de pesquisa.

Para que possamos colocar em prática essa proposta de ensino, é importante definir inicialmente qual gênero textual iremos trabalhar, nessa proposta trata-se do gênero formulário de inscrição e o objetivo principal é a compreensão do gênero e seus elementos constitutivos. Logo após definir o gênero e os objetivos, escolhemos o tipo de organograma que cumprirá melhor a função desejada, neste caso, o organograma escolhido foi o hierárquico, pois, organiza de forma hierárquica o gênero textual, seus elementos principais e os exemplos de como está presente.

Com base nisso, a proposta de ensino que apresentamos consiste em trabalhar com o gênero formulário apresentando, por exemplo, sua definição, tipos, elementos, vantagens, situações em que são mais utilizados, por meio de um organograma (Figura 1). Assim, trazemos para o ensino de língua portuguesa para surdos, os organizadores gráficos como estratégia visual de informações organizadas de forma lógica, realizando a união entre a representação visual e o texto.

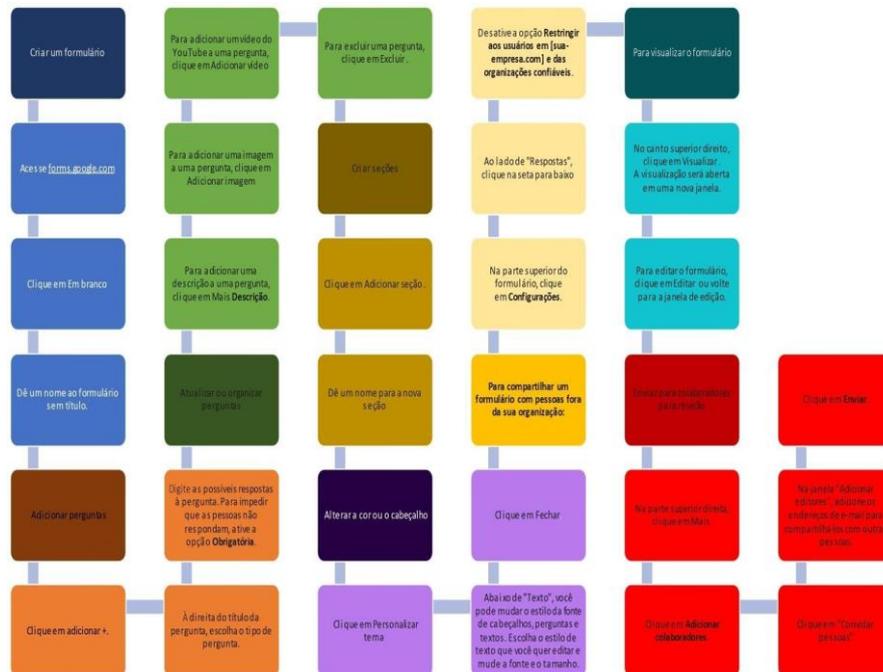
Figura 1: Representação gráfica das informações principais do gênero formulário



Fonte: Elaboração própria (2024).

O organograma foi elaborado com as informações principais acerca do gênero formulário, levando em consideração a utilização de três cores: Laranja, para destaque do gênero em questão; Verde escuro, para destaque das informações que serão apresentadas do gênero e verde claro para detalhes específicos de cada informação. A utilização das cores aconteceu de forma estratégica para que os surdos, possam identificar no momento de explicação do gênero em questão. Além disso, é importante lembrar que a escolha desse organograma, não se deu apenas pela funcionalidade das cores, mas, também, pela forma hierárquica em que as informações estão organizadas que contribuem diretamente no processo de aprendizagem, por se tratar de um recurso visual organizado com intencionalidade. Logo após a apresentação do gênero formulário através do organograma, propomos a utilização de um organizador gráfico sequencial, com a finalidade de instruir o aluno, levando em consideração as informações apresentadas acima, a realizar a elaboração do seu próprio formulário através da plataforma do google forms (Figura 2), plataforma essa muito utilizada no meio acadêmico para a elaboração do gênero.

Figura 2: Representação gráfica do passo a passo para elaboração de um formulário pelo Google Forms.



Fonte: Elaboração própria (2024).

A partir desse organizador gráfico, dividido por cores que correspondem às etapas necessárias para a elaboração de um formulário via google forms, que são elas: azul, marrom, verde, amarelo, roxo, verde jade e vermelho, divididos em tons fortes para o nome da etapa e tons claros para os passos que a etapa exige. A escolha por esse organograma, se dá pela disposição em que ele está organizado, sequencialmente, este fato contribui diretamente no processo organizacional das etapas que são necessárias para a elaboração do seu gênero textual. Dessa forma, espera-se que o discente surdo, através da representação visual, consiga elaborar de forma autônoma seu próprio formulário.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse sentido, foi possível perceber que um ensino voltado para as potencialidades dos alunos surdos, que neste caso é a visualidade, podem ser interessantes em seu processo de ensino-aprendizagem, pois, facilitam uma relação contrastiva entre a Libras e a língua portuguesa. Levando em consideração também, as metodologias ativas como excelente

ferramenta no processo de aprendizagem, fixação e revisão de conteúdos, a proposta de utilização de organizadores gráficos mostra-se relevante para ensino de língua portuguesa como segunda língua para Surdos, pois, além de terem como característica a utilização de formas geométricas, exploram a sequência de forma hierárquica, evidenciando a utilização de cores com intencionalidade.

A partir das discussões apresentadas ao longo desse artigo, percebemos a crescente necessidade de pensar em estratégias para o ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos, estratégias que preservem sua identidade e cultura. Com base nisso, a presente pesquisa buscou trazer contribuições para a comunidade surda, evidenciando uma metodologia visual que poderá ser aplicada para o ensino não apenas do gênero formulário, mas, de qualquer gênero textual que os alunos surdos precisam ou desejam dominar, pois, os organizadores gráficos, possuem uma potencialidade usual que pode ser adaptada em diversos contextos.

REFERÊNCIAS

- BROMLEY, K., Irwin-De VITIS, L., & MODLO, M. Graphic organizers: **Visual strategies for active learning**. New York: Scholastic Professional Books.1995.
- CAMPELLO, A. R. S. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. 2008. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2008.
- CARDOSO, D. U. C; BARROS, I. R. O uso da imagem no processo de aquisição da escrita do surdo: um estudo de caso. **V Congresso Nacional de Educação**, [s. l.], 17 out. 2018.
- DUARTE, S. B. R. et al. Aspectos históricos e socioculturais da população surda. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.20, n.4, out.-dez. 2013, p.1713-1734.
- EASTERBROOKS, S. R., & STONER, M. (2006). Using a visual tool to increase adjectives in the written language of students who are deaf or hard of hearing. **Communication Disorders Quarterly**, 27(2), 95–109
- FERNANDES, S. **Educação de surdos**. Curitiba: Editora Ilepex, 2011.
- FERNANDES, S. É possível ser surdo em português? Língua de Sinais e escrita: em uma de uma aproximação. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos: interfaces entre Pedagogia e Linguística**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013, v. 2, p. 59-81.

FERNANDES, E. O som: este ilustre desconhecido. In: SKLIAR, C (org). **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. v. 2. Porto Alegre: Mediação, 2016.

GUARINELLO, A. C. KARNOPP, L. B. RICHARD, J. “Educação de surdos em nível superior: desafios vivenciados nos espaços acadêmicos”. In: ALMEIDA, WG., org. **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente** [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, 197 p

HODGDON, L. **Visual strategies for improving communication**. Practical support for school and home. TIOy, MI: Quirk Roberts. 1995.

LANE, H., HOFFMEISTER, R., & BAHAN, B. **A journey into the deaf-world**. San Diego, CA: Dawn Sign.1996.

LUCKNER, J., BOWER, S., & CARTER, K. (2001). Visual teaching strategies for students who are deaf or hard of hearing. **Teaching Exceptional Children**, 33, 38–44.

LIMA, J. D. et al. As contribuições da lei 10.436 à sociedade, aos profissionais e a educação: inclusão social do surdo. **II CINTEDI** , [s. l.], p. 1-12, 2016.

MEDEIROS, J. C. S.. **A importância do uso da imagem para o processo de aprendizado do surdo na Língua Portuguesa**. 2018. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais com ênfase em Digitais.) – Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Ilhéus, 2018.

MELO, M. A. V; ALMEIDA, R. S. **A imagem no contexto pedagógico: o artefato visual para os surdos**. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, [s. l.], 2020.

NIETO, M.T.S Un estudio contrastivo del género formulario de inscripción a congreso (español/aleman) con aplicación didáctica para la clase de traducción. **TRANS. Revista de Traductología**, v. 10, p. 113-134, 2006.

PARASURAMAN, A., GREWAL, D. and KRISHNAN, R. **Marketing Research. 2nd Edition, Houghton Mifflin Company**, Boston. 2006.

PINHEIRO, Michele Soares. Multimodalidade e Letramento Visual na sala de aula de Língua Espanhola: análise de uma atividade de produção escrita. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, [s. l.], 2016.

PROKSCH, J. ; BAVELIER, D. Changes in the spatial distribution of visual attention after early deafness. **Journal of Cognitive Neuroscience**, n. 5, p. 687-701, 2002.

SACKS, O. **Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SALES, A. S. S. **Modelagem e Desenvolvimento de Formulários Digitais Acessíveis para Pessoas Surdas**. 2020. Dissertação (Mestre em Informática) – Programa de Pós-Graduação em Informática, Centro de Informática, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SANTIAGO, M. V. B. S. **Ensino de português para surdos através de flashcards: memórias e afeto.** 2020. Dissertação (Mestrado em linguagens e letramentos) – Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, 2020.

SILVA, E. C.; FRANCELINO, P. F. Ensino do gênero discursivo como prática social: por uma didática do gênero enquanto atividade humana concreta. **Revista X**, [s. l.], v. 17, p. 752-772, 2022.

SILVA, R. C. J. **A formação do professor de alunos surdos: concepções dificuldades e perspectivas.** 2010. 119 p. Dissertação (UnB) - Mestra em educação, [S. l.], 2010.

SORDI, A. **A contribuição do letramento visual em vídeos didáticos para o aprendizado de alunos surdos.** 2020. Dissertação (Mestrado em educação especial), [S. l.], 2020.

STEFFEN, L. L. **Teoria histórico-cultural e as consequências da patologização da surdez na vida dos surdos: aquisição tardia das libras e dificuldades para a constituição da identidade surda.** 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Docente Unioeste, [S. l.], 2022.

TARQUIN, P.; WALKER, S. **Creating success in the classroom:** visual organizers and how to use them. Englewood, CO: Teacher Ideas Press.1997.